

## 2.3 - A SEMÂNTICA DA ILUSTRAÇÃO

No final do ano de 2000 o ilustrador Henrique Kipper, junto com demais ilustradores, coordenou pela internet o site *FrontBraza*, como experiência de um grupo de discussão sobre as questões relativas às atividades do ilustrador editorial. Neste site, além da circulação de imagens, artigos e pesquisas técnicas, o espaço serviu também para a discussão conceitual da atividade. Juntamente com Henrique Kipper, o site *FrontBraza*, contava com a ativa participação de Flávio de Almeida e de Spacca (João Spacca de Oliveira). Ambos também experientes ilustradores na imprensa brasileira.

Em um dos depoimentos Kipper frisava seu ponto de vista sobre a atividade de ilustrar

(...) não se ilustra sem carregar (o conteúdo do) ilustrado consigo (...). São duas formas que atualmente têm neutralizado o poder da imagem desenhada na imprensa:

1 - Por um lado a total submissão ao texto, na qual a imagem usa dos cacoetes sintáticos do texto linear jornalístico, pois se considera que apenas a razão pura e a objetividade transmitem conhecimentos e informações.

2 - Por outro lado a imagem levanta vô e cai no auto-engano de uma total liberdade narcísea em que o ilustrador é considerado um artista no pior sentido do termo, sendo seu trabalho pura subjetividade. Novamente não há diálogo com o texto e a imagem está ali apenas como decoração servil ao texto, considerado o verdadeiro e único meio de transmitir informação e de comunicar.

Em ambos os casos a imagem não ousa abrir as caixas dos signos e recriar. Num caso é escrava total e no outro narciso embevecido com a sua imagem refletida. (KIPPER, 2001, p. 3)

Hoje, a linguagem jornalística, tanto a verbal como a não verbal, tecem discursos de construção da realidade cuja preocupação não é a de ser exclusivamente uma versão precisa do fato real, mas sim a de preencher o imaginário do leitor de acordo com o que ele quer ler e ver.

Kipper conclui sua reflexão apontando:

A alma do artista (então) impregnaria o objeto-arte com uma aura. (...) Ecos do conceito de artista dotado de um dom que lhe é dado de forma divina.

Assim, os artistas gráficos se resumiriam em dois grupos: (...) os pragmáticos que introjetaram o discurso do texto e sua sintaxe; e os artísticos, que aceitaram um nome bonito para se absterem de tocar o mundo. Ambos os grupos se consideram superior ao outro, mas ambos, à sua forma, reificam, o real.

Aqui podemos entender porque a cisão entre estes extremos tem sido aprofundada nos últimos tempos: cada dia a individualidade é menos interessante para uma sociedade de comunicação de massas em processo de padronização crescente.

Neste cenário, fica evidente como os extremos são vendidos como simulacros de liberdade, seja como objetividade pura, seja como expressão pura. Vivemos o ocaso do indivíduo criativo. (KIPPER, 2001, p. 3)

Mesmo com a preponderante presença das imagens descritivas nas páginas dos jornais, não se pode conceber o jornalismo atual sem levar em conta a ilustração interpretativa como elemento participante. A presença do espaço ilustrado permite que o texto saia do relato visual e amplie seu campo de significação. A imagem não tem a pretensão de substituir o texto, mas é possuidora da capacidade de comentá-lo.

No início dos anos 80, o chargista Ronaldo Cunha Brito já manifestava no jornal *Opinião* uma visão que se agravou nos anos subseqüentes. Em determinado trecho escrevia.

A questão do desenho (...) na imprensa brasileira hoje é um ponto importante a discutir. Ela é sintomática, esclarece particularidades dos códigos jornalísticos vigentes, mesmo entre veículos com posições políticas radicalmente diversas entre si. E demonstra, em última análise, uma crença ingênua e autoritária na palavra como forma mágica e exclusiva do real se exprimir (...) sobretudo por se considerar a linguagem verbal como o próprio modo de apreensão do real, como que esquecendo a sua condição de linguagem, atribuindo à imagem uma função meramente decorativa e privá-la de todo e qualquer significado específico. (BRITO, 1981, p. 4)

Portanto, é necessário que a imagem ilustrativa transporte um significante ou vários significantes icônicos para que coloque o receptor de frente com o significado.



Para fazer uma classificação dos tipos de ilustrações, assinalamos 3 características abrangentes:

ilustração descritiva

ilustração narrativa

ilustração interpretativa

A seguir é apresentado quadro ilustrativo descrevendo os processos de interação comunicativa nas ilustrações. Na descrição de cada tipo aparecem os quatro elementos que compõe a ação: *o tema, o artista, o desenho e o observador.*



### ILUSTRAÇÃO DESCRITIVA

O artista reproduz no desenho os pormenores do objeto para a perfeita leitura do observador.



### ILUSTRAÇÃO NARRATIVA

Através do desenho o artista manifesta para o observador suas impressões sobre o objeto.



### ILUSTRAÇÃO INTERPRETATIVA

O observador constrói mentalmente um objeto, estimulado pela criação do artista.

---

### ILUSTRAÇÃO DESCRITIVA

---

É aquela em que possui características informativas. Manifesta-se valendo de estruturas descritivas racionais, através das quais propõem uma representação objetiva de um fenômeno ou de um objeto real do mundo exterior. Os signos na *Ilustração Descritiva* possuem elementos compreensíveis em nível universal. Sua estrutura descritiva prevalece sobre suas estruturas interpretativas, isto é: a sintaxe da forma prevalece sobre a semântica do conteúdo. Nessa função a imagem é monossêmica, ou seja, não aceita qualquer outra significação associada a outros signos. A ilustração é figurativa, e o processo de dedução ocorre a partir de analogias, transmitidas em pormenores, não havendo intervenção de caracteres subjetivos. Aqui, a interpretação da imagem já estará pré-determinada. Por possuir objetivos específicos, destina-se a informar com clareza, não permitindo ambigüidade de interpretações.

---

### ILUSTRAÇÃO NARRATIVA

---

Nesse tipo de ilustração a função da imagem é ser um meio de tradução das impressões que o ilustrador tem sobre o tema abordado. Nessa função são aceitos aspectos subjetivos do ilustrador. Possui ao mesmo tempo caráter informativo e interpretativo. Aqui o ilustrador trabalha mais com a impressão do real do que com o realismo. O propósito deste tipo de ilustração é transmitir sensação do que racionalização. Com a *Ilustração Narrativa* o desenho torna perceptível o objeto. O que caracteriza principalmente este gênero é que a narrativa não é uma tradução visual do tema, mas impressões através de imagens. Aqui a imagem preenche aspectos que a descrição verbal não alcança. Essa ilustração deixa espaços para ser complementado pela imaginação do observador. Essa participação imaginária significa explorar a expectativa do ver, e não necessariamente explicar a realidade com as formas.

---

### ILUSTRAÇÃO INTERPRETATIVA

---

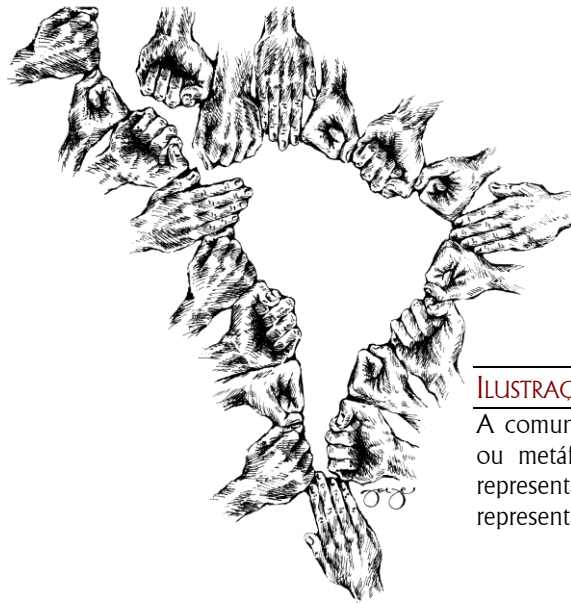
Nesse tipo de ilustração a imaginação do espectador investiga universos subjetivos, abolindo tempo e espaço. Recria vivências pessoais onde, através da imagem é motivado a remontar a lógica do mundo. O processo de transmissão da mensagem na *Ilustração Interpretativa* vincula-se aos aspectos mais sensíveis da imagem. Daí podemos determinar que ela se destine mais ao inconsciente do que à razão. Neste processo, a mensagem contida na ilustração visa dissociar a ordem icônica inicial para, em seguida, propor um novo reagrupamento das idéias. Na função dessa imagem ocorre a transcendência da representação objetiva, ampliando o universo de significações. A monossemia é substituída pela polissemia, o denotativo dá lugar ao conotativo. A comunicação ocorre indiretamente com ajuda de simulacros ou metáforas visuais. O tema focado já não será mais aquilo que representa, mas um signo de uma nova realidade.

## DEMONSTRAÇÃO DOS 3 TIPOS DE ILUSTRAÇÕES



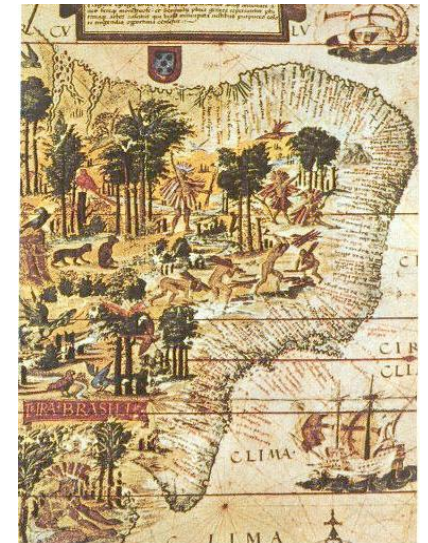
### ILUSTRAÇÃO DESCRITIVA

A ilustração é figurativa, com extrema objetividade, onde o processo de dedução ocorre a partir de analogias. Aqui, a interpretação da imagem já estará pré-determinada.



### ILUSTRAÇÃO NARRATIVA

A imagem é um meio de tradução das impressões que o ilustrador tem sobre o tema. Nessa função são aceitos aspectos subjetivos do ilustrador. Possui ao mesmo tempo caráter descritivo e interpretativo.



### ILUSTRAÇÃO INTERPRETATIVA

A comunicação ocorre indiretamente com ajuda de simulacros ou metáforas visuais. O objeto já não será mais aquilo que representa, mas um signo da realidade que ela se propõe a representar.

Como vimos, as ilustrações possuem 3 formas de serem abordadas: *descritiva*, *narrativa* e *interpretativa*. Pretendemos neste trabalho aprofundarmos somente nos aspectos da Ilustração Interpretativa por possuírem possibilidades de manifestação opinativa e capacidade de efetuar comentários por meio de uma linguagem não-verbal.

Potencialmente, a Ilustração Interpretativa possui mais diversidade de interpretações, tanto em nível de emissor quanto de receptor. Suas mensagens não se baseiam em códigos determinados de elaboração e interpretação. Aqui, o inconsciente se superpõe à razão, o sensorial toma o lugar do inteligível. E nesse tipo de comunicação não verbal a linguagem expressiva torna-se mutável, e as análises interpretativas passam a ser feitas mais em nível qualitativo do que estrutural. O estímulo visa o inconsciente do receptor, apoiando-se em arquétipos universais. Assim, mostrando-se polissêmica amplia a interação com o leitor, possibilitando maior fluência discursiva.

Assim, a *Ilustração Interpretativa* será mais expressiva quanto mais abrangente for o caráter de identificação e transferência de valores. Todo o processo será articulado por intermédio do repertório do próprio espectador. E será a circulação dessas imagens interpretativas que irá desvelar e abastecer gradualmente ao longo do tempo o imaginário coletivo.